

**MANUEL FARINHA DOS SANTOS, MÁRIO VARELA GOMES E
JOÃO LUIS CARDOSO**

**Dois artefactos de osso,
pós-paleolíticos, da Gruta do Escoural
(Montemor-o-Novo, Évora)**

**MONTEMOR-O-NOVO
1991**

Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos, da Gruta do Escoural (Montemor - o - Novo, Évora).

Manuel Farinha dos Santos*, Mário Varela Gomes e João Luís Cardoso*****

1. Introdução

O presente trabalho integra-se, tal como outro recentemente publicado pelos mesmos autores (Gomes, Cardoso e Santos, 1991), em projecto que visa o estudo integral e a divulgação dos testemunhos arqueológicos exumados por um de nós (M.F.S.) no decorrer de diferentes campanhas de escavações na Gruta do Escoural, durante a década de 1960, tal como das suas manifestações artísticas, identificadas mais recentemente, por dois dos signatários (M.F.S. e M.V.G.) na companhia do já falecido arqueólogo Jorge Pinho Monteiro e de Rosa Varela Gomes (Santos, Gomes e Monteiro, 1980).

Pretendemos dar agora a conhecer um alfinete de osso e uma falange afeiçãoada de *Equus caballus*, objectos não muito comuns, tendo aquele último artefacto de tipo comumente denominado «ídolo-falange» e muito característico tanto do Calcolítico da Estremadura, como do Sudoeste e Sudeste peninsulares, carácter mágico-religioso. A sua existência na Gruta do Escoural pode conotar-se com a própria função desta como espaço sagrado, vocação que remonta pelo menos ao Paleolítico superior e, conforme deduziremos, se terá prolongado até à Idade do Cobre, então utilizada, conforme acontecia desde o Neolítico médio, como necrópole.

2. Descrição

2.1. O Alfinete (fig. 1-1)

Trata-se de artefacto afeiçãoado a partir de uma tábua de osso longo indeterminado, cortada e depois cuidadosamente polida (técnica do «contour-découpé»), cujas superfícies oferecem pátina homogénea de cor bege acasta-

(*) Universidade Luís de Camões

(**) Director dos museus de Montemor-o-Novo e Silves

(***) Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências e Tecnologia.

nhada.

Os volumes mesial e distal mostram secção circular, terminando este último em ponta afiada. A extremidade proximal, com secção oval muito achatada, apresenta dois entalhes opostos que definem volume de contorno trapezoidal, a cabeça, cuja base é ligeiramente côncava.

Encontra-se completo e inteiro, medindo 0.126 m de comprimento total, 0.003m de espessura média e sendo a largura máxima, na extremidade proximal, de 0.015m.

Foi encontrado em 1968, à superfície, na sala A, quando se procedia à sua limpeza, desconhecendo-se, portanto, o contexto que integrava. Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

2.2. O «ídolo falange» (fig. 1-2)

É uma primeira falange de *Equus caballus*, totalmente modelada por abrasão com polimento muito fino. Aquela transformou, sobretudo, a extremidade articular distal e a diáfise, adelgaçando-as e conferindo à peça acentuado aspecto bitriangular e antropomórfico.

Encontra-se completa e inteira e sustem-se, na vertical, apoiada na extremidade articular proximal.

As superfícies oferecem pátina de cor creme muito clara, em algumas zonas ligeiramente acastanhada.

Mede 0.074m de comprimento máximo, 0.049m de diâmetro transversal proximal, 0.025m de diâmetro transversal na diáfise e 0.035m de diâmetro transversal na extremidade articular distal.

O diâmetro anteroposterior proximal apresenta 0.034m e o diâmetro anteroposterior distal é de 0.033m.

Foi recolhida no decurso da campanha de escavações de 1966, na galeria 1 (talhão 11, nível 120cm-130cm, 2-B-2, 13), e foi identificada aquando do estudo da fauna desta jazida (J.L.C.). Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

3. Paralelos e integração cultural

3.1. O alfinete

Desconhecemos quaisquer paralelos directos para o alfinete anteriormente descrito. De facto, aquele tipo de peças é raro nos contextos arqueológicos do nosso país, dado o elevado grau de acidez da grande maioria dos terrenos, o que conduziu ao desaparecimento ou à danificação de muitos dos artefactos ósseos. São excepção os terrenos calcários como os do Maciço Estremenho e de algumas regiões de Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve.

Todavia, não são raros os alfinetes e punções de osso cacolíticos cuja extremidade proximal tem forma marcadamente triangular, como acontece em exemplares do povoado de Fórnea (Torres Vedras), Vila Nova de São Pedro (Azambuja), Leceia (Oeiras) e do que se erguia sobre a própria Gruta do Escoural.

Do primeiro arqueossítio acima indicado provém, ainda, a extremidade proximal de um alfinete, como forma sub-rectangular encimado por elemento trapezoidal, de base côncava, ou em «rabo de peixe», e que de algum modo também se poderá relacionar com a peça do Escoural (Spindler e Gallay, 1973, est. 9).

Fragmentos de outro alfinete, com cabeça triangular, fazem parte do espólio da sepultura calcolítica de Samarra (Sintra), onde acompanhavam, entre outros artefactos, uma peça congénere mas de cabeça cilíndrica e estriada, quatro dos impropriamente denominados «ídolos de gola» e dois «ídolos chatos almerienses» de corpo bitriangular, de osso, um vaso cilíndrico com a superfície exterior decorada, também de osso, «ídolos cilíndricos», uma enxó votiva e o fragmento de um vaso, tudo de calcário, indicando horizonte cultural do Calcolítico inicial (Leisner, 1965, ests 49,50).

A forma de contorno trapezoidal, quase triangular, da extremidade proximal do alfinete da Gruta do Escoural confere-lhe reconhecível aspecto antropomórfico. Este é também detectável nos já antes referidos «ídolos chatos almerienses», produzidos em calcário, xisto ou osso, e em placas de xisto rectangulares, típicas da cultura megalítica do Sudoeste Peninsular, nomeadamente do Alentejo. Em alguns daqueles exemplares reconhece-se uma face triangular, em reserva mais ou menos individualizada das profusas decorações

que, em geral, cobrem as superfícies de tais objectos. Por vezes aquela face esquemática é melhor antropomorfizada com a inclusão de olhos, finamente gravados, ou representados por furos que também poderiam servir para as suspender. Em outras placas de xisto, que julgamos mais tardias, a cabeça triangular ou trapezoidal ganha individualidade volumétrica. Em não poucos exemplares, originalmente com forma rectangular, observa-se a abertura ulterior de entalhes que conferem maior destaque à face antropomórfica, por vezes acompanhados pela gravação de olhos em forma de Sol. Tal tendência em direcção a um maior realismo figurativo atingindo formas com a cabeça trapezoidal e os braços bem individualizados, por vezes parcialmente separados do corpo das placas, (Alcanena e Idanha-a-Nova) (Gorbea, 1973, 218), parece dever-se à influência dos «ídolos almerienses». A sua inclusão no reportório iconográfico das placas encontra-se bem patente em exemplares da gruta funerária de Lapa do Bugio (Sesimbra), onde um daqueles artefactos, de forma rectangular, mostra gravado no seu interior a representação de uma placa com cabeça trapezoidal destacada e esta, por sua vez, contém a reprodução de um «ídolo almeriense», com braços que terminam em mãos com os dedos abertos. Uma segunda placa da mesma gruta, com decoração antropomórfica e «olhos solares», oferece um friso com três figurações de «ídolos almerienses» (Gonçalves, 1970).

Os «ídolos bitriangulares», de osso, com cabeça trapezoidal, semelhante à do alfinete que temos vindo a referir, são conhecidos, para além da jazida antes mencionada de Samarra (Sintra), nos sepulcros megalíticos de Casaiinhos e Monte Abraão, na Península de Lisboa, onde acompanhariam enterramentos atribuíveis ao Neolítico final (fig. 2).

Outra peça similar, embora fabricada em xisto, foi encontrada na Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) (Leisner e Leisner, 1951, est. XXIII).

Aqueles artefactos, com função mágico-religiosa e podendo representar divindades, que M. J. Almagro Gorbea (1973, 33) classificou como «ídolos cruciformes» (tipo II), da variante A, são também conhecidos, talhados em rochas brandas, como o xisto e o calcário, com algumas variantes formais, nas regiões de Huelva (El Pozuelo), Sevilha (Acebuchal), Almeria e Granada, no

Sudeste Peninsular, onde, mais abundantes, integravam conjuntos votivos datáveis do Neolítico final.

Cronologia obtida pelo ^{14}C para nível contendo placas de xisto, com decoração geométrica, da Cova das Lapas (Alcobaça) ofereceu 4550 ± 60 B.P. (ICEN - 468) e para a anta de Bola da Cera (Marvão), a datação de 4360 ± 50 B.P. (ICEN -66), que, uma vez calibradas, apresentam, respectivamente, os seguintes intervalos: 3497-3041 cal. A.C. e 3100-2900 cal. A.C. (Gonçalves, 1989, 294-297). Note-se que a placa encontrada no monumento megalítico alto-alentejano oferece a cabeça recortada, destacada do corpo, com forma trapezoidal e portanto próxima, em termos figurativos, tanto dos «ídolos chatos almerienses» como do alfinete da Gruta do Escoural.

Nos abrigos decorados da Bacia do Guadiana observam-se séries de representações antropomórficas, por vezes dispostas em paralelo com corpo bitriangular com ou sem cabeça trapezoidal, em tudo semelhantes aos «ídolos chatos almerienses». Grupos com estas figuras, em não poucos casos constituídos, tal como na placa da Lapa do Bugio, por três elementos, encontram-se pintados de cor-de-laranja, os mais antigos, e de cor vermelha clara no Abrigo Grande de Las Vinãs (Alange, Badajoz).

Outros conjuntos similares, acéfalos, com cabeça triangular ou trapezoidal, em geral representados pela linha de contorno, foram pintados em numerosos abrigos da Serra Morena (Puerto Palácios, Cueva de la Sierpe, El Piruetenal, El Monje, Cueva del Rabanero, Cuevatilla del Rabanero, Cueva de las Vacas del Retamoso, El Escorialejo, etc...) (Breuil, 1933, 4-7, 120-128, ests V, XXI; 1933a, 37-45, 64-69, 72-74, 77-79, 90-92, ests XII, XXVII, XXVIII, XXXIII, XXXVII).

Também na gruta El Gabal, na província de Almeria, se encontram outras representações antropomórficas bitriangulares, em dois casos associadas em grupos de três, e duas outras isoladas mas ladeadas por «olhos solares». Duas outras pinturas semelhantes reconhecem-se no abrigo de Estrecho de Santonge, na mesma região. De igual modo, pelo menos dois vasos de cerâmica procedentes de Los Milhares (Almeria), exibem figuras bitriangulares associadas a cenas que parecem reproduzir famílias de cervídeos. Um outro vaso, de Vélez Blanco (Almeria) patenteia, ainda, figuras bitriangulares inseridas em

métopas e separadas por zonas preenchidas por zigzagues horizontais (Breuil, 1935, 27-30, 114, ests XXIII, XXV). Trata-se, por certo, de importantes figurações de carácter mágico-religioso, com abundantes paralelos em diferentes pontos do Mediterrâneo Oriental e que alguns autores têm interpretado como representações de divindades femininas tardo-neolíticas ou, no caso dos grupos referidos, de verdadeiras teogonias (Acosta, 1968, 76-82).

3.2. O «ídolo falange»

A peça proveniente da Gruta do Escoural foi comparada com outras homólogas, todas elas recolhidas em contextos calcolíticos.

A escolha da primeira falange de cavalo deveu-se, por um lado, à sugestão da forma antropomórfica que possuem e, por outro lado, à importância dada àquele quadrúpede. Só excepcionalmente se recorreu a falanges de outros animais, conforme revelam duas falanges (uma primeira e uma segunda) de bovídeo, da colecção de M. Vaultier (Zbyszewski, Leitão, Norton, North e Ferreira, 1974).

No território hoje espanhol foi relativamente frequente, para os mesmos fins, a utilização de falanges de cervídeos e de ovi-caprinos (Leisner e Leisner, 1943; Gorbea, 1973). Tal situação não se encontra documentada na área portuguesa, exceptuando-se duas falanges lisas da Gruta 2 de São Pedro do Estoril (Leisner, Paço e Ribeiro, 1964, 36), sendo uma delas de veado (Ferreira, 1966, 67), e outras de ovi-caprinos, do Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim) (Gonçalves, 1989a, figs 105, 106).

M.J. Almagro Gorbea (1973) fez corresponder as falanges afeiçoadas ao «tipo VI» da sua classificação dos «ídolos» calcolíticos hispânicos, considerando três variantes:

A- integrando os exemplares lisos;

B- peças ostentando algum motivo ornamental, em geral inciso e sempre muito esquemático;

C- falanges com abundante decoração, gravada e pintada.

Tal sistematização merece-nos, porém, alguns reparos. Com efeito, o facto de, actualmente, alguns exemplares lisos se encontrarem desprovidos de decoração não significa que originalmente não fossem pintados. Desta forma, parece-nos ser mais adequado considerar, apenas, os dois seguintes grupos:

1- compreendendo os exemplares lisos, com ou sem pintura.

2- abrangendo os exemplares gravados, com ou sem pintura.

O exemplar agora estudado pertence ao grupo 1, tendo sido possível compulsar, no Sul de Portugal, os seguintes paralelos:

a) Lapa da Bugalheira (Torres Novas). Encontraram-se dez exemplares juntos, à esquerda da entrada da gruta (Paço, Vaultier e Zbyszewski, 1941, 2 Paço Zbyszewski e Ferreira, 1971). Dois daqueles são decorados por incisão e pintura, conservando-se inéditos oito, lisos, que serão objecto de estudo ulterior;

b) Sepultura de Serra da Vila (Torres Vedras). Recolheu-se apenas um exemplar (Leisner, 1965, est. 3, nº 8);

c) Povoado de Penha Verde (Sintra). O edifício 1 ofereceu um exemplar, possivelmente com restos de pintura, descrita como de bovídeo (Zbyszewski e Ferreira, 1958, 45, est. IV-1);

d) Sepultura 4 de Trigaches (Loures). Entregou um exemplar (Leisner, 1965, est. 18, nº 28);

e) Povoado de Leceia (Oeiras). Descobriu-se um exemplar, ainda inédito, proveniente da camada 2, atribuída ao Calcolítico pleno (Cardoso, 1989);

f) Sepulcro megalítico de Pedra Branca - Montum (Santiago do Cacém). Registou-se um exemplar (Ferreira, Zbyszewski, Leitão, North e Sousa, 1975, est. III);

g) Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz). Guardava um exemplar (Leisner e Leisner, 1951, est. LXII, nº 5);

h) Sepultura 8 de Alcalar (Portimão). Continha dois exemplares (Rocha, 1909, 43, Leisner e Leisner, 1943, est. 77, nº 9).

Das oito ocorrências registadas, apenas duas correspondem a habitats, o que reforça o carácter mágico-religioso destas peças. Note-se, todavia, o aparecimento de uma falange, decorada por gravação, no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) e o facto da peça de Olelas (Sintra), citada por M.J.A. Gorbea como sendo pintada é, na verdade, gravada e pintada, situando-se, assim, no grupo 2 da nossa classificação (Serrão e Vicente, 1958, 114, 115, Paço, 1960, 112, Gorbea, 1973, 167, 168).

Também da «sepultura circular» de la Pijotilla (Badajoz), ainda

integrando o Calcolítico do Sudoeste Penínsular, provêm duas falanges de equídeo decoradas, uma delas com «olhos solares», «tatuagens» e braços providos de mãos com os dedos abertos, tal como sete, outras, lisas. Este túmulo continha materiais de diferentes fases do Calcolítico, guardando desde uma placa de xisto com decoração geométrica, típica do Neolítico alto-alentejano, até dois vasos com decoração campaniforme (Hurtado, 1986, 98-100).

A pervivência destes elementos, reflexo da superstrutura religiosa nos finais do Calcolítico, parece estar igualmente atestada no povoado de Orce (Granada), onde um exemplar liso integrava nível de ocupação campaniforme (Gorbea, 1973, 166).

A simbologia patente nas peças que temos vindo a referir é nítida, sendo a forma antropomórfica que possuem, de perfil bitriangular, por vezes melhor explicitada pela gravação ou pintura, e ainda associando ambas técnicas, de representações oculares radiadas, associadas a linhas onduladas ou quebradas («tatuagens faciais», cabelos) e a «sobrancelhas». Quando o sexo se encontra figurado é sempre feminino e denunciado por triângulo invertido, gravado no centro da área proximal da face posterior do osso, entre as protuberâncias articulares. Trata-se, portanto, de mais uma das possíveis representações da «omnipresente» divindade feminina calcolítica, também conhecida sobre outros suportes, como acontece nas placas de xisto, em pequenas peças coroplásticas e de osso, sobre vasos de cerâmica e cilindros de calcário, no Sul de Portugal, a que se podem adicionar, no país vizinho, os célebres «ídolos de Almizaraque», afeiçoados em ossos longos de grandes mamíferos, onde os aludidos atributos divinos se encontram associados a ornamentação barroquizante e correspondendo, provavelmente, a produções mais tardias.

A quase exclusividade da distribuição geográfica destas peças no Sul de Portugal, da Estremadura ao Algarve, poderá ser consequência da própria dispersão do cavalo selvagem durante o Calcolítico. Com efeito, sabe-se que no território português, ao contrário do que na generalidade se verificou na Europa além-Pirinéus, e talvez na maior parte da Península Ibérica, o cavalo não se extinguiu no final do Plistocénico. Durante o Mesolítico aquela espécie existiu

nos vales do Tejo e Sado, conforme demonstram peças osteológicas dos concheiros de Cabeço da Arruda (Costa, 1865, est. VI, fig. 6), Cabeço da Amoreira (Corrêa, 1933) e Cabeço do Pez (Arnaud, 1987, 61). Conhecem-se, também, representações daqueles mamíferos na arte rupestre do Vale do Tejo, atribuídas ao Epipaleolítico e ao Neolítico (Gomes e Cardoso, 1989), assim, como no Noroeste Peninsular e no Levante (Beltrán, 1979, 17, 30-33; Santos e Varela, 1979; Varela, 1982, 170).

Entregaram restos de *Equus* os povoados calcolíticos de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (Paço, 1958, 75), Zambujal (Torres Vedras) (Driesch e Boessneck, 1976, tabela I), Leceia (Oeiras) (Cardoso, 1989), Monte da Tumba (Alcácer-do-Sal) (Antunes, 1987, 132) e Perdigões (Reguengos de Monsaraz) (esc. de M.V.G.) revelando a sua raridade, justamente, a dificuldade de captura.

A manutenção do cavalo no estado selvagem deu-se, provavelmente, até à época romana (eram então célebres as éguas da Lusitânia, tão velozes que se acreditava serem fecundadas pelo vento). Corroboram tal facto os restos osteológicos de cavalo selvagem de níveis romanos da Ilha do Pessegueiro (Cardoso, 1992).

4. Conclusões

O estudo dos dois artefactos ósseos, agora dados a conhecer, provenientes da Gruta do Escoural, permite considerar uma ocupação daquela cavidade natural durante o Neolítico final, como indica a tipologia do alfinete, possivelmente dando continuidade à necrópole ali instalada anteriormente (Neolítico médio). A este mesmo período pertencerão, ainda, alguns vasos de cerâmica, nomeadamente um esférico com carena alta.

A forma da «cabeça» do alfinete, sugerindo antropomorfização e relação com figuras que serviram a actividade mágico-religiosa, sendo, muitos, possíveis amuletos, indica função protectora ou apotropaica.

O aproveitamento do mesmo local como espaço sepulcral prolongou-se pelo Calcolítico, aspecto que o aparecimento do «ídolo-falange», integrado em estrato arqueológico, comprova. Tal conclusão parece ser confirmada por alguns materiais votivos de calcário, designadamente duas placas sub-retangulares já estudadas. Aliás, uma inumação individual, que aproveitava anfractuosidade, junto a uma das entradas naturais da gruta, era acompanhada

por espesso machado polido de anfíbolito e duas maçãs de calcário, de igual modo datáveis no Calcolítico (Santos, 1971).

Esperamos que o estudo exaustivo do espólio da Gruta do Escoural, e do seu povoado, nos possa oferecer novos contributos para o conhecimento das populações da Pré-História recente daquela região.

BIBLIOGRAFIA

- Acosta; P. , 1968, *La Pintura Rupestre Esquemática en España*; Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueologia, Universidad de Salamanca, 250 pp. , 61 figs, 22 mapas, Salamanca.
- Antunes; M.T. , 1987, O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV - Mamíferos (nota preliminar); *Setúbal Arqueológica*; vol. VIII, pp. 103-144.
- Arnaud; J.M. , 1987, Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e Sado: semelhanças e diferenças; *Arqueologia*, nº 15, pp. 53-64.
- Beltrán; A. , 1979, *Da caciatori ad allevatori. L'art rupestre dell Levante Spagnolo*; Le Orme dell' Uomo; Jaca Book, 93 pp. , 100 ests, Milano.
- Breuil; H. , 1933, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, II - Bassin du Guadiana*; Imprimerie de Lagny, 192 pp. , 50 figs, XLII ests, Lagny.
- 1933a, *Les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique. III - Sierra Morena*, Imprimerie de Lagny, 125 pp. , 54 figs, LIX ests, Lagny.
- 1935, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. IV - Sud-Est de l'Espagne*; Imprimerie de Lagny, 166 pp. , 90 figs, XLV ests; Lagny.
- Cardoso; J.L. , 1989; *Leceia, Resultados das Escavações Realizadas - 1983-1988*; Câmara Municipal de Oeiras, 146 pp. , 126 figs, Oeiras.
- 1992, Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação em época romana, *Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro*; pp. , Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Corrêa; A.A.M. 1933, Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal); *XV^e Congrès International d' Anthropologie & d' Archeologie Préhistorique* , pp. 357-372, Paris.

- Costa; F.A.P. da, 1865, *Da existência do Homem em epochas remotas no Valle do Tejo - Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*, Comissão Geológica de Portugal, 40 pp. , VII ests, Lisboa.
- Driesch, A.V.D, e Böessneck; J. , 1976, Die fauna von Castro do Zambujal. Studien uber fruhe tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel; *Deutsches Archaeologisches Institut*, München.
- Ferreira; O. da V. ; 1966, *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*, Memória nº 12 (Nova Série); Serviços Geológicos de Portugal, 122 pp. , Q+XXIV ests; Lisboa.
- Ferreira; O. da V. ; Zbyszewski; G. , Leitão; M. , North, C.T. e Sousa, H. R. de 1975; Le monument mégalithique de Pedra Branca après de Montum (Melides); *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLIX, pp. 107-192.
- Gomes; M.V. ; e Cardoso; J.L. ; 1989; A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo; *Almansor*; nº 7, pp. 167-209.
- Gomes; M.V. ; Cardoso; J.L. ; e Santos; M.F. dos; 1991; Artefactos do Paleolítico superior da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora); *Almansor*, nº8, pp. 15-36
- Gonçalves; V.S. ; 1970, Sobre o Neolítico na Península de Setúbal; *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*; vol. I; pp. 403-421, VI ests, Lisboa.
- 1989, Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe; placas de xisto e cronologias, uma nota preambular, *Almansor*, nº 7, pp. 289-302.
- 1989a; *Mégalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*; Estudos e Memórias 2, UNIARCH, 333 pp. , Lisboa.
- Gorbea; M.J.A. ; 1973, *Los Idolos del Bronce I Hispano*; Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. XII, 354 pp. , 98 figs, LVII ests, Madrid.
- Hurtado; V. ; 1986; El Calcolítico en la Cuenca Media del Guadiana y la necropolis de la Pijotilla; *Arqueologia*, nº 14, pp. 83-103.
- Leisner; G. , e Leisner; V. ; 1943, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Süden*, vol. 2, Walter de Gruyter & C°, 188 ests, Berlin.
- 1951; *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*; Instituto Para a Alta Cultura, 322 pp. , 7 figs, LXIII ests, Lisboa.
- Leisner; V. , 1965, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Western*, vol.1/3, Walter de Gruyter & C°, 186 ests, Berlin.

- Leisner; V. , Paço; A. , do; e Ribeiro, L. 1964, *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*, ed. dos autores, 79 pp. , C+XXVIII ests, Lisboa.
- Paço; A. do; 1958; Castro de Vila Nova de S. Pedro. X- Campanha de escavações de 1956 (20ª). Aditamento; campanhas de escavações de 1952; 1953 e 1954 - 16ª, 17ª e 18ª, *Anais da Academia Portuguesa da História*, série III, vol. 8, pp. 43-91.
- 1960; Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII- Alguns objectos de osso e marfim; *Zephyrus*, vol. XI, pp. 105-117.
- Paço; A. do; Vaultier; M. e Zbyszewski, G.; 1941; Nota sobre a Lapa da Bugalheira; *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais* (Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais, vol. XIII, supl. II; pp. 116-119.
- Paço; A. do; Zbyszewski; G. , e Ferreira; O. da V. , 1971; Resultado das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LV, pp. 23-47.
- Rocha; A. S. , 1909, Dolmens de Alcalar; *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, tomo I, pp. 39-55, II ests.
- Santos; A.P. , e Varela; J.M.V. , 1979, *Los Petroglifos Gallegos, Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*, Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos; Edícios do Castro, 132 pp. , 86 figs, La Coruña.
- Santos; M.F. , dos; 1971, Manifestações votivas da necrópole da Gruta do Escoural, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, PP.95-97, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- Santos; M.F. dos; Gomes; M.V. , e Monteiro, J.P. , 1980, Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal), *Altamira Symposium*, pp. 205-242, Ministério de Cultura, Madrid.
- Serrão; E. da C. , e Vicente, E.P. , 1958, O Castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações; *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, pp. 87-125, XIII ests.
- Spindler; K. , e Gallay, G. , 1973, *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matacães in Portugal*, *Madrider Beiträge*, vol. 1, Verlag Philipp von Zabern, 64 pp. , 8+1 figs, 38 ests, Mainz.
- Varela; F.P. , 1982; *Las Pinturas Rupestres de Albarracín (Teruel)*, Centro de Investigación y Museo de Altamira, 243 pp. , 63 figs, XXXIII ests, Santander.
- Zbyszewski; G. , e Ferreira; O. da V. , 1958, Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, pp. 37-57, IX ests.

Zbyszewski, G. , Leitão, M. , Norton, J. , North, T. , e Ferreira, O. da V. , 1974; Acerca de dois ídolos oculados de osso da coleção de Maxime Vaultier; *Estudos Italianos em Portugal*; vol. 37, pp. 83-88.

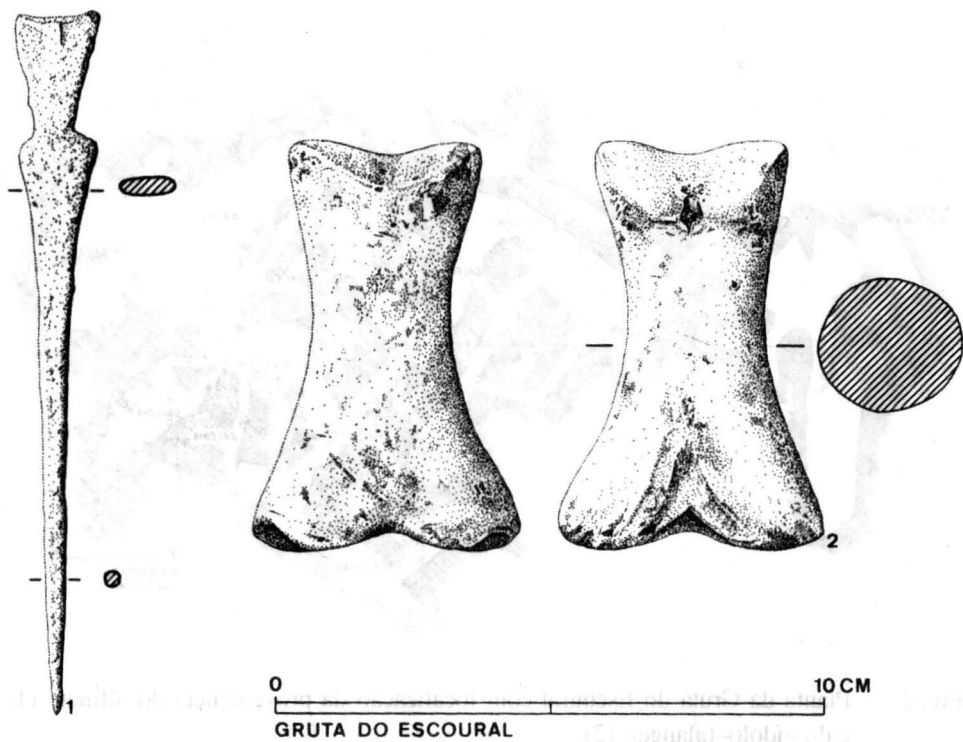


Fig. 1. Gruta do Escoural. 1- Alfinete; 2- «Ídolo-Falange».

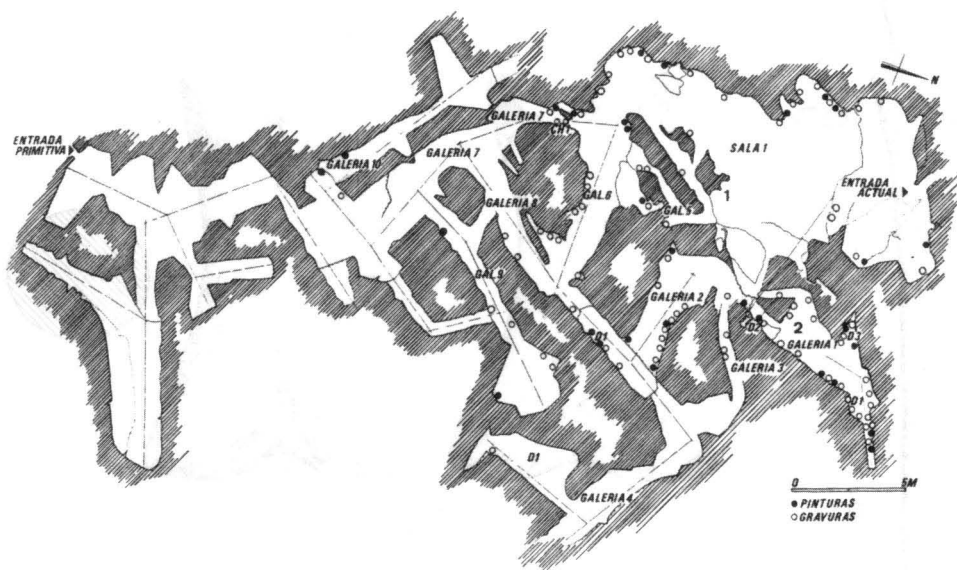


Fig. 2. Planta da Gruta do Escoural com localização da proveniência do alfinete (1) e do «ídolo-falange» (2).

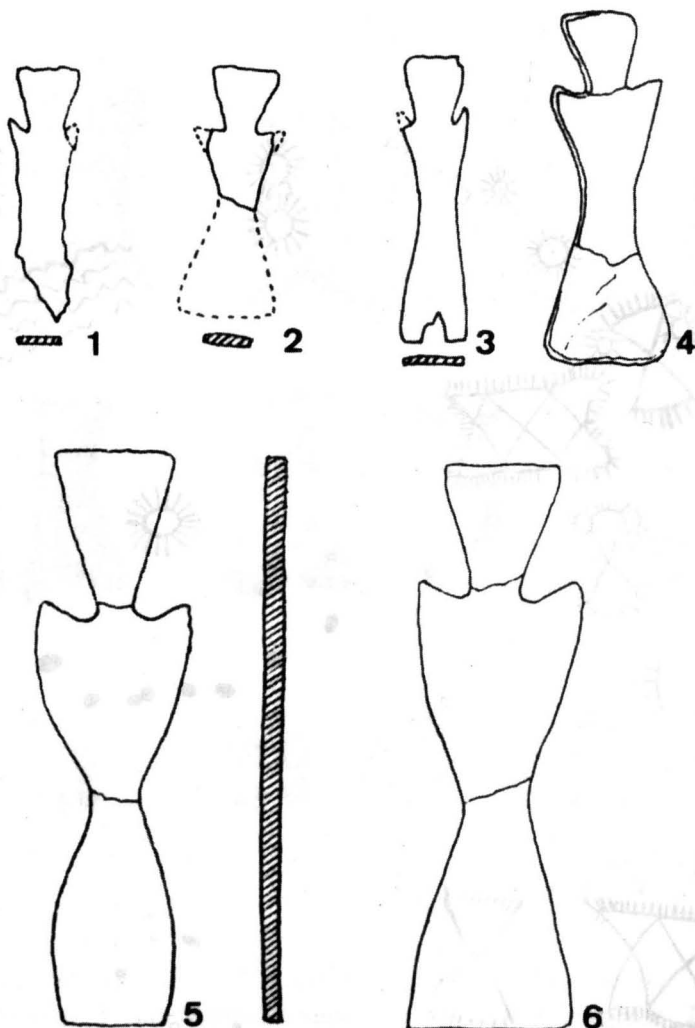


Fig. 3. «Ídolos chatos almerienses». 1- Monte Abraão (Amadora); 2- Casaiños (Loures); 3- Samarra (Sintra); 4- Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz); 5, 6- El Pozuelo (Huelva) (seg. Gorbea, 1973, 45).

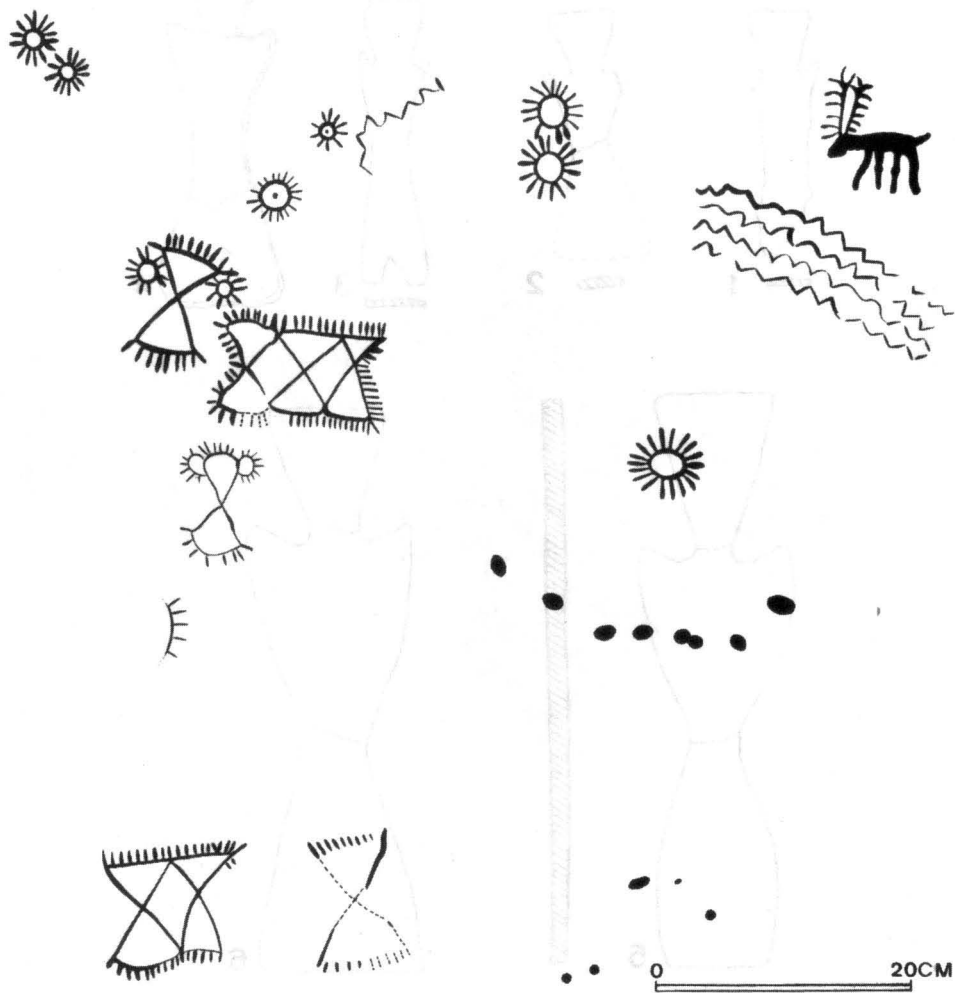


Fig. 4. Abrigo de El Gabal (Vélez Blanco, Almería).¹⁵² Ídolos bitriangulares e «olhos solares» (seg. Breuil, 1935, est XXIII).

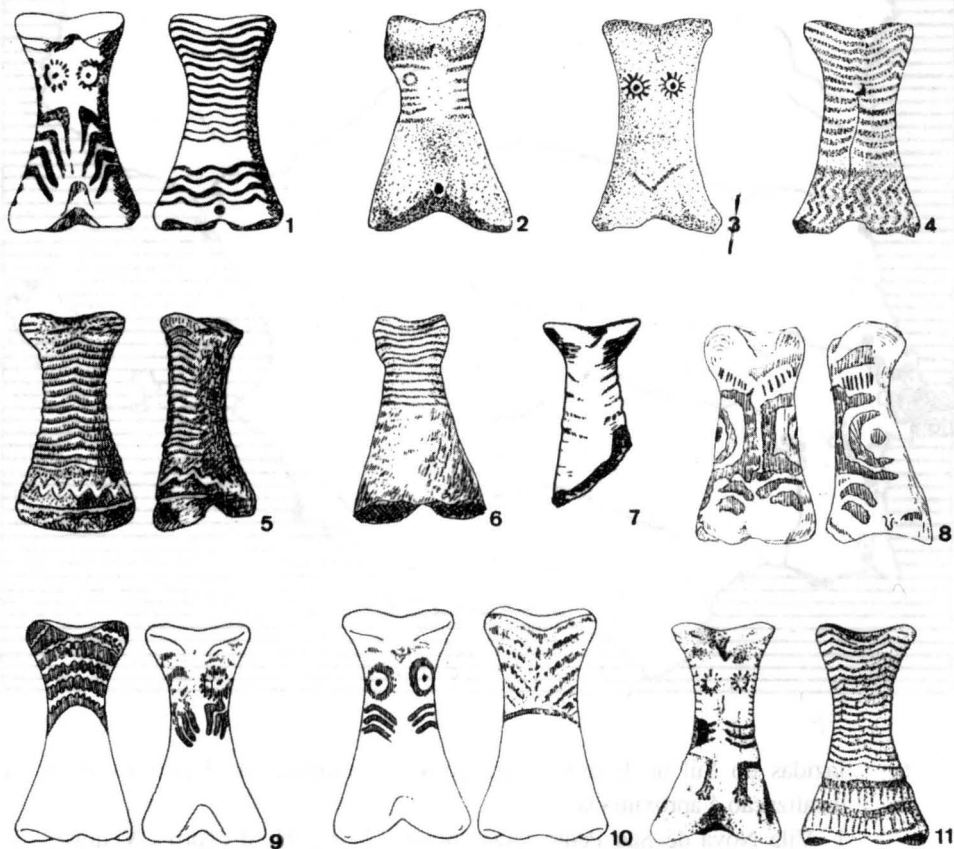


Fig. 5. «Ídolos-falange». 1, 2- Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 3, 4- Olelas (Sintra); 5- São Martinho (Sintra); 6- Carenque (Amadora); 7- Vila Nova de São Pedro (Azambuja); 8- Los Millares (Almeria); 9- Almizaraque (Almeria); 10- Los Castellones (Almeria); 11- La Pijotilla (Badajoz) (1-10, seg. Gorbea, 1973, 157; 11, seg. Hurtado, 1986, 99).



Fig. 6. Jazidas do Sul de Portugal com peças osteológicas de *Equus Caballus* (a localização é aproximada).

- 1- Vila Nova de São Pedro (Azambuja); 2- Zambujal (Torres Vedras); 3- Leceia (Oeiras); 4- Monte da Tumba (Torrão); 5- Perdigões (Reguengos de Monsaraz); 6- Olelãs (Sintra); 7- Tholos de São Martinho (Sintra); 8- Grutas de Carenque (Amadora); 9- Tholos de Serra da Vila (Torres Vedras); 10- Dólmen 4 de Trigache (Queluz); 11- Dólmen de Pedra Branca (Sines); 12- Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz); 13- Monumento 8 de Alcalar (Portimão); 14- Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 15- Gruta e Povoado do Escoural (Montemor-o-Novo); 16- Povoado de Penha Verde (Sintra).